

E a missão do FMI continua colhendo dados

A renúncia do ministro da Fazenda não impediu que a missão do FMI continue realizando normalmente a coleta de informações sobre o Brasil. A missão — que desembarcou em Brasília, no final de semana — também não tem data de retorno. A informação é do chefe-adjunto da Divisão do Atlântico Sul do Fundo, Carlos Muniz, quando saía da sala de trabalho, no primeiro subsolo do Banco Central, às 19h30 de ontem, ele estava acompanhado de Eric Clifton, especialista em balanço de pagamentos. Integram a missão do FMI, ainda Gumerindo Oliveros (da área de Câmbio), Doris Ross (do escritório que trata do Brasil e a secretária Gladys Lanio. Muniz disse que a missão do

FMI se limita a “atualizar nosso conhecimento sobre o Brasil”, de acordo com o Artigo 4 da Ata Constitutiva do FMI. As discussões, segundo ele, estão circunscritas ao nível técnico, daí não sofrer alteração com a saída de um ministro da Fazenda e a posse de outro. Perguntado sobre a data de retorno da missão a Washington Muniz respondeu que depende do governo brasileiro — ou seja, que as autoridades forneçam a contento todas as informações necessárias à análise e discussão dos técnicos do FMI, pois, no final, eles terão de fazer um relatório.

A permanência de uma missão do FMI no Banco Central causa uma sobrecarga de trabalho para

os servidores da instituição. Tanto que a chefia do Departamento Econômico (Depec) convocou parte de seu pessoal para trabalhar no final de semana, a fim de apurar os números sobre balanço de pagamentos, desvalorização do cruzado, política monetária, finanças públicas, desemprego, produção industrial e inflação. Inicialmente, os membros da missão do Fundo solicitam os números ao Depec, para análise. Na hipótese de dúvida, solicitam informações adicionais. O pessoal que costuma atendê-los no BC considera os técnicos do Fundo muito exigentes. Na próxima segunda-feira, chega a Brasília o chefe da Divisão do Atlântico Sul do FMI, Thomas Reichmann, responsável pela missão.